



**PERCEPÇÃO E DISCURSO REGIONAL ENQUANTO FOMENTO A AÇÕES SOCIOAMBIENTAIS EM UM ASSENTAMENTO NÃO CONSOLIDADO PELO INCRA NA AMAZÔNIA BRASILEIRA**

**SPEECH PERCEPTION AND REGIONAL ENVIRONMENTAL ACTION AS A BUILDING IN A SETTLEMENT BY THE CONSOLIDATED INCRA NOT IN THE BRAZILIAN AMAZON**

**Renan Albuquerque Rodrigues <sup>1</sup>**

**RESUMO:** a pesquisa avaliou o quanto discursos tendem a auxiliar na aceitação para ações referentes à continuidade da produção manejada entre assentados da reforma agrária em um loteamento na amazônia. o estudo foi desenvolvido entre 2006 e 2007, junto ao programa de manejo florestal. foi verificado que existe correlação positiva entre entendimento e aceitação do promanejo ante incentivo ao uso de linguagem popular.

**PALAVRAS-CHAVE:** comunicação popular; discursos socioambientais; amazônia brasileira.

**ABSTRACT:** it is the purpose of the present study to evaluate the process of empowerment in the forest production between forest workers or not forest workers, agrarian reformer settlers of rural area to the amazonas, and that was assisted to the promanejo. the survey results showed that are correlations between understandings and accepts about project only with technical assistance and management of work.

**KEYWORDS:** popular communication; environments speech; brasilian amazonian.

## **INTRODUÇÃO**

O volume de produção de itens madeireiros e não madeireiros em áreas rurais amazônicas, na maioria dos casos, guarda estreita ligação com o nível de conhecimento que as populações têm da floresta. Saber este sedimentado ao longo dos tempos, com auxílio do avanço tecnológico, que incide nos métodos de extração (Kitamura, 1994, p.14).

Cabe notar, todavia, que não é uniforme o tratamento dispensado ao trabalho por parte dos diferentes grupos sociais que habitam a Amazônia. Nesse trato, há diferenças essenciais. Indígenas, caboclos e assentados da reforma agrária, por exemplo, não tendem a possuir a mesma motivação para a produção. Desta feita, é essencial entender que a

<sup>1</sup> Renan Albuquerque Rodrigues; [renanalbuquerque@hotmail.com](mailto:renanalbuquerque@hotmail.com)



importância dos produtos florestais deve ser observada dentro de cada contexto populacional (Medina, 2004, p. 7; Luckert & Campbell, 2002, p. 11).

Especificando a questão para o âmbito dos assentados, eles podem ser considerados como grupo que vive em situação de conflito, sobretudo se forem levadas em consideração questões de produtividade e aceitação dessas populações por seus vizinhos territoriais (Albuquerque, Vasconcelos & Coelho, 2004, p. 235). Dessa forma, é distinto supor que populações oriundas de espaços não nativos a elas tendem a ser integradas nos processos de extração e produção de modo mais lento e, por vezes, por vieses conflituosos e estereotipados (Albuquerque et al., 2005., p. 501), o que exacerba o problema da produção na Amazônia, dadas dificuldades para manejo e comercialização dos itens.

Os assentados tendem a diluir sua consciência de grupo, fragmentando suas possibilidades de coletivização, pendendo rumo ao individualismo, tanto pelo baixo sentimento de pertença quanto pela necessidade de sobrevivência em meio a contingências mercadológicas (Godelier, 1984, p. 18). E isso dentro de uma conjuntura claramente extrativista, com propensão a degradar o meio ambiente onde se inserem, caso inexistam meios técnicos para que isso não ocorra (Drummond, 2002, p. 57).

Dentro da temática de investigação, o artigo teve como objetivo caracterizar quais subgrupos de assentados tenderam a ser mais propensos a aceitar a continuidade de um projeto empírico de manejo florestal madeireiro levado a cabo na Amazônia central, sob a denominação de manejo florestal comunitário no assentamento agrícola tarumã mirim, oriundo do conglomerado de projetos financiados pelo programa de manejo florestal (Promanejo) brasileiro no Amazonas.

O projeto foi executado entre os anos de 2004 e 2007, no assentamento agrícola tarumã mirim, situado dentro de uma área de proteção ambiental (APA) ao norte da capital amazonense. Tomou-se como pressuposto o fato de que a comunicação popular foi aliada no fomento a ações socioambientais dentro do assentamento. a partir desse marco, foi efetivada a pesquisa.

## Método

### a) Hipóteses



O presente estudo foi guiado por duas hipóteses: a) a comunicação popular para a aceitação do plano de manejo madeireiro sugerido pelo Promanejo Tarumã Mirim é maior entre os assentados homens que desenvolvem trabalhos braçais — corte de árvores com motosserra e queima de lenha para o fabrico do carvão — porque estes guardam melhor conceito mútuo de pertença social; e b) as variáveis ‘tempo de residência’ e ‘escolaridade’ são determinantes para compreensão do plano de ação do Promanejo, o que corrobora com o aceite futuro das bases de ação, levando-se em consideração a perspectiva da comunicação enquanto ação fomentadora das interrelações. Ambas são hipóteses do tipo  $H_1$  (de aceite), sugeridas mediante estudos de percepção do meio ambiente (Rodrigues, 2006, p. 89; Moran & McCracken, 2004, p. 16), em duas comunidades vizinhas ao assentamento. Nelas, foi percebida maior pertença social e aceitação ao trabalho cooperado de métodos sistemáticos entre homens adultos, com tempo de residência avançado no local e que trabalhavam com atividades ligadas ao meio ambiente rural onde habitavam.

#### b) Participantes

Foram entrevistadas 37 pessoas do Assentamento Agrícola Tarumã Mirim. A população foi dividida em agrupamentos de quatro subconjuntos: a) agricultores — com história de vida relacionada com a agricultura familiar ou em escala comercial; b) madeireiros e carvoeiros — com história de vida ligada à exploração e produção de carvão ou madeira para uso pessoal ou venda comercial; c) piscicultores — que trabalharam ou trabalham atualmente, de forma cotidiana ou casual, na venda de peixes para o sustento familiar; e d) autônomos — que atuaram ou atuam como diaristas nos mais diversos serviços, trabalhando por jornada.

A partir de uma população total aproximada de 800 famílias produtoras no assentamento, o agrupamento no micro universo dos 37 entrevistados foi a seguinte: agricultores, carvoeiros e madeireiros representaram 70% dos participantes; piscicultores foram 19%; autônomos ficaram no patamar dos 10%. Eles foram escolhidos conforme dois critérios principais: a) ser assentado da reforma agrária que fundou o núcleo rural; b) ter participado das atividades técnicas e educativas coordenadas pelo projeto de Manejo Florestal Comunitário da EST/UEA. Das 37 entrevistas, o critério de tempo de estadia no local ficou assim definido: 24 moradores (64,8%) residentes há, no mínimo oito anos no



local; 8 moradores (21,6%) residentes há, no máximo, quatro anos; e 5 moradores (13,5%) residentes na faixa intermediária dos cinco a seis anos na comunidade de assentados.

#### c) Instrumento e procedimentos

Para avaliar a comunicação popular enquanto discurso componente das ações socioambientais no assentamento foi utilizado questionário híbrido, subdividido em itens objetivos e subjetivos, com 27 questões concordantes entre si, elaborado a partir de dados coletados por Rodrigues (2006) e Catão & Rodrigues (2006).

As perguntas foram destinadas, em parte, ao levantamento de dados biodemográficos da amostra. A maioria dos questionamentos (24 dos 27 itens) foi direcionada para a exploração e coleta dos discursos populares referentes à expectativa dos assentados sobre seu futuro e de sua família, aos posicionamentos frente à escassez de trabalho e em face ao conhecimento da floresta tendo em vista o comércio a partir da produção de madeira manejada.

Os pesquisadores que integraram o estudo delimitaram para si instruções sobre como proceder na abordagem aos respondentes. Ocorreram os seguintes passos: (1) o pesquisador se apresentava e explicava à pessoa o objetivo da atividade; (2) havia uma breve conversação sobre assuntos próprios da região (*rappori*) e o programa de manejo florestal/madeireiro sugerido pelo Promanejo Tarumã Mirim; (3) o pesquisador verificava se o participante podia ser enquadrado na amostra delineada e, em caso positivo, perguntava se ele aceitava ser entrevistado. Ao aceite, era entregue um questionário e explicadas item a item as perguntas; (4) para facilitar a compreensão dos assentados nas perguntas do tipo Likert (de cinco pontos), antes de iniciar a prática das respostas o pesquisador repetia duas vezes uma questão similar a todas aquelas que os respondentes teriam de avaliar em seguida.

#### d) Análise dos dados

Foi utilizada técnica de análise de conteúdo para a categorização das respostas (Bardin, 1977, p. 117) subjetivas e tabulação dos dados. Optou-se por distribuições de frequência e co-ocorrências para a associação dos dados oriundos do gradiente modelado via Likert.

### Resultados e discussão



Quanto à principal fonte de renda ou sustento dos participantes, 60% deles deram ênfase à produção comercial de bens primários oriundos da retirada madeireira — destes, os que trabalham na venda da madeira (insumo) para atravessadores somam 69,6%, sendo 30,4% os que vendem para comerciantes ou consumidores diretos; 11,4% disseram ser a produção de subsistência (peixe, frango e frutas) sua essencial fonte de sustento; 25,7% destacaram os serviços de diarista (trabalho avulso por jornada) e 2,7% enfatizaram ter sua fonte de renda aposentadorias ou pensões federais.

Os dados indicaram conveniência inicial dos comunitários à proposta do ProManejo para 6 em cada 10 pessoas, entre cooperados, associados e lideranças locais, de acordo com perfil produtivo individual. O resultado tendeu a concorrer para a negação da hipótese sugerida, de que os trabalhadores homens, braçais e com família consolidada teriam melhor aceitação do manejo sustentado (Balsadi, 2000, p. 59; 2001, p. 161; Moura, Cesário & Oliveira Filho, 2004, p. 95).

Quanto ao histórico familiar de produção (HFP), que tende a ser indicativo de desenvolvimento local e integração (Almeida, 2004, p. 67), 40% dos respondentes avaliaram que, no passado, seus parentes tiveram mais afinidade com a madeira bruta; 21,6% afirmaram que a família preferia trabalhar com artesanato; 15% apontaram a castanha como produto anteriormente mais comercializado; 10% disseram ser a madeira do tipo pau-rosa, hoje em risco de extinção na área do assentamento (Fearnside, 1986, p. 17; 1989, p. 52), o preferido para comercialização desde 1998; e 6,6% incluíram a copaíba como fonte de renda familiar; outros 6,6%, não opinaram sobre seu histórico produtivo.

Fator sugestivo notar é que houve a tendência de 5 em cada 10 pessoas apontarem já ter trabalhado com o pau-rosa. Destes, todos são atuais produtores de carvão, uma das atividades que mais provoca derrubada de matas primárias na Amazônia (Moran & Mcracken, 2004, p. 27).

No que concerne a auxílios financeiros (AF), 48,6% dos entrevistados disseram já ter recebido verbas de custeio do Governo Federal, subdivididas entre os programas Bolsa Escola, Bolsa Família, Cartão Cidadão e Auxílio Habitação. Outros 51,3% afirmaram nunca ter ganhado dinheiro de vencimentos oriundos da União para uso pessoal ou da família. Correlacionando o não recebimento desse modelo de auxílio ao aceite do projeto de manejo comunitário Promanejo, não foram encontradas tendências que apontassem



associação entre as variáveis. De tal modo que não houve diferenças significativas entre os que recebem auxílio (55,5% *Sim* ante 45,5% *Não* para o aceite) quanto os que não recebem (68,4% *Sim* ante 32,6% *Não* para o aceite) no tocante às possibilidades de aceitação ao plano de manejo madeireiro.

Cabe notar, do contrário, a correlação entre os meios de transporte utilizados pelos trabalhadores e o local da venda varejo/atacado. Segundo levantamento, a venda de 21,9% da produção ocorre dentro do próprio assentamento; enquanto 68,2% têm saída para Manaus; os 9,7% restantes são destinados às vendas itinerantes, em qualquer local, conforme sazonalidade. Os dados apontaram que 20% do transporte utilizado para levar a carga são feitos por meio de bicicletas (2%), canoas (2%), motos (2%), canoas motorizadas ou rabetas (6%), entre outros (8%). A premissa de que microprodutores vendem seus produtos localmente, sobretudo, enquanto médioprodutores optam por levar de ônibus (60%) e carro (20%) seus produtos para Manaus (que detém 68,2% da preferência para a destinação da produção) pôde ser inferida na descrição de frequências.

O percentual de respondentes que distinguiram a ação de produzir e manter o volume de oferta para o mercado da atividade de trabalhar como empregado em lavouras ou extrações naturais foi de 45,94%, ante 54,05% daqueles que não souberam identificar com clareza sua posição frente ao novo desafio proposto pelo Promanejo. Entretanto, tendo em vista ter sido este um levantamento exploratório de aceitação do programa, em nível psicossocial de percepção para crenças, cabem re-testes utilizando instrumentos outros (Albuquerque, Vasconcelos & Coelho, 2004, p. 241).

Foram destacados dois quadros de respostas acerca de produtos que são, segundo os participantes — sem subdivisão entre agricultores, madeireiros/carvoeiros, piscicultores e autônomos — “melhores para produzir e vender” no assentamento e fora dele, com e sem a ajuda do Governo Federal.

O primeiro diz respeito ao questionamento não estimulado, no qual foi pedido aos respondentes que destacassem os três produtos/insumos mais geradores de renda na atualidade, e que eram bons para serem produzidos sem a ajuda técnica do Promanejo. Ao todo, 103 respostas foram tabuladas na seqüência de emersão nos questionários (com 1,5% delas invalidadas por abstenção).



O segundo é referente ao questionamento estimulado para o item madeira, no qual foi pedido aos respondentes que destacassem no mínimo 1 e no máximo 9 produtos/insumos geradores de renda e bons para produção com a ajuda do Promanejo, a partir de uma lista fechada de itens considerados madeireiros/florestais (Moura, Cesário & Oliveira Filho, 2004, p. 73). Ao todo, 78 respostas foram tabuladas na seqüência em que emergiram (com 1,3% delas invalidadas por abstenção).

**Tabela 1.** Classificação dos produtos potencialmente geradores de renda para os assentados, de acordo com respostas a partir de perspectiva espontânea dos participantes.

	<b>Peixes</b>	<b>Madeira</b>	<b>Verduras/Legumes</b>	<b>Bovinos/Suínos</b>	<b>Carvão</b>
<i>Frequência</i>	20	8	41	7	9
<i>Percentual</i>	19,41%	7,70%	39,80%	6,79%	8,73%
	<b>Aves</b>	<b>Apicultura</b>	<b>Aromas/Extratos</b>	<b>Artesanato</b>	<b>Farinha</b>
<i>Frequência</i>	10	1	3	3	1
<i>Percentual</i>	9,70%	0,97%	2,91%	2,91%	0,97%

**Tabela 2.** Classificação dos produtos florestais/madeireiros potencialmente geradores de renda para os assentados, segundo perspectiva estimulada dos participantes.

	<b>Pau-Rosa</b>	<b>Sorva</b>	<b>Castanha</b>	<b>Borracha</b>	<b>Andiroba</b>
<i>Frequência</i>	7	2	11	3	4
<i>Percentual</i>	8,97%	1,28%	14,10%	3,84%	5,12%
	<b>Madeira</b>	<b>Balata</b>	<b>Copaíba</b>	<b>Artesanato</b>	<b>Nenhum</b>
<i>Frequência</i>	23	1	8	16	3
<i>Percentual</i>	29,48%	1,28%	10,25%	20,51%	3,84%

Na tabela 1, ao responderem as questões, os assentados fizeram menção às suas preferências gerais no âmbito produtivo. Os produtos hortifrutícolas tiveram preferência, assim como a piscicultura, frente a itens granjeiros e madeireiros — segundo tendência de produção sem auxílio do ProManejo.

Na tabela 2, o item madeira teve oscilação positiva na correlação com as respostas ordenadas na tabela 1, o que transparece um aceite de conveniência referente à proposta do ProManejo. O aceite está condicionado aos planos de auxílio que o projeto venha a consolidar na intenção de fixar o manejo madeireiro na região.

*Análise de conteúdo*



O conhecimento elaborado acerca da possível aceitação do programa de manejo comunitário do ProManejo foi dimensionado em duas categorias: concepções/descrições e empoderamento/elucidação. Referente à “concepção”, os respondentes descreveram o que significava para eles o ProManejo enquanto programa de inclusão produtiva por meio de manejo florestal. Quanto ao “empoderamento”, os participantes tiveram de ressaltar seu nível subjetivo de aceitação acerca do projeto.

**Tabela 3.** Distribuição de emergências para “concepções”, segundo agricultores (G-Agri), madeireiros-carvoeiros (G-Mad/Carv), piscicultores (G-Pisc) e autônomos (G-Aut).

Categorias Descrições	G-Agri		G-Mad/Carv		G-Pisc		G-Aut		Total	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Coletivista	6	60	11	68,75	5	71,42	3	75	25	68,79
Orgânica	4	40	5	31,25	2	28,57	1	25	12	31,21
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100</b>	<b>16</b>	<b>100</b>	<b>7</b>	<b>100</b>	<b>4</b>	<b>100</b>	<b>37</b>	<b>100</b>

Os discursos coletivistas acerca da concepção do ProManejo giraram em torno de sentenças como:

*... Ajuda a trabalhar de maneira organizada para evitar danos maiores usando os recursos naturais (G-Agri) ... Com o manejo sustentável e a exploração da madeira nos beneficiaríamos da floresta (G-Mad/Carv) ... O projeto ajuda a fazer o aproveitamento da madeira derrubada (G-Pisc) ... O projeto nos ajuda a aproveitar todas as formas de especiarias que a floresta nos oferece sem prejudicar o meio ambiente e sem agredir a natureza (G-Aut).*

Os discursos orgânicos acerca da concepção do ProManejo giraram em torno de sentenças como:

*... Ajuda com que eu me beneficie da floresta (G-Agri) ... Ensina eu a derrubar e aproveitar para plantar (G-Mad/Carv) ... Ensina a aumentar meu terreno (G-Pisc) ... ajuda na criação de peixe e frango (G-Aut).*

Foram acentuados dois diferentes tipos de concepção acerca do programa, associados a duas esferas: a) orgânica (individualista — em que os respondentes conceituaram o ProManejo como uma ação focada para ajudar a poucos); e b) coletivista



(de viés social — em que os respondentes conceitualizaram o ProManejo como uma ação para ajudar à comunidade como um todo).

Os dados demonstraram existir convergências de concepções entre os quatro grupos estudados, no que tange às freqüências das unidades temáticas verificadas. Os agricultores apresentaram a freqüência mais baixa na subcategoria coletivista 60%, seguida da subcategoria orgânica, com 40%. Madeireiros e carvoeiros tiveram, respectivamente, na subcategoria coletivista, 68,75%, e na orgânica 31,25%. Piscicultores, na coletivista, tiveram 71,42%, e na orgânica 28,57%. Os autônomos tiveram 75% na coletivista e 25% na orgânica. É identificável claramente que, nos quatros grupos, a subcategoria mais realçada foi a coletivista ( $M = 68,79\%$  ante  $M = 31,21\%$  da orgânica). Esses percentuais de concepção sugerem que o tempo de residência e a escolaridade ( $H1$ ) não são variáveis estritamente determinantes, nessa população, para a compreensão do plano de ação do Promanejo.

**Tabela 4.** Distribuição para “empoderamento/amadurecimento”, segundo agricultores (G-Agri), madeireiros-carvoeiros (G-Mad/Carv), piscicultores (G-Pisc) e autônomos (G-Aut).

Categorias Empoderamento	G-Agri		G-Mad/Carv		G-Pisc		G-Aut		Total	
	f	%	f	%	F	%	f	%	f	%
Afirmção	5	50	8	50	4	57,14	1	25	18	48,64
Neutralidade	1	10	4	25	2	28,57	2	50	9	24,32
Negação	4	40	4	25	1	14,28	1	25	10	27,02
<b>Total</b>	<b>10</b>	<b>100</b>	<b>16</b>	<b>100</b>	<b>7</b>	<b>100</b>	<b>4</b>	<b>100</b>	<b>37</b>	<b>100</b>

Os discursos afirmativos sobre o entendimento e a propensão à aceitação do ProManejo giraram em torno de sentenças como:



*... Vai ajudar a comunidade a preservar a floresta e fazer reflorestamento (G-Agri) ... Vai beneficiar quanto à agroindústria da madeira na região (G-Mad/Carv) ... Ajudará a montar minha marcenaria (G-Pisc) ... Com o conhecimento de exploração (que o ProManejo trouxe) poderemos desenvolver atividades como plantar ou criar e isso traria uma renda de auto-sustento e um bem-estar (G-Aut).*

Os discursos neutros sobre o entendimento, os quais denotam indecisão ao aceite do ProManejo, giraram em torno de sentenças como:

*... Ele trouxe orientação àqueles que trabalham com madeira (G-Agri) ... Agora outras pessoas têm mais condições de trabalhar (G-Mad/Carv) ... Fazer piscicultura é melhor, mas o projeto é bom (G-Pisc) ... No meu terreno eu planto, não corto madeira, mas o projeto ajuda na conservação (G-Aut).*

Os discursos negativos sobre o entendimento e a propensão à aceitação do ProManejo giraram em torno de sentenças como:

*... O projeto vai me ajudar a expandir meu plantio (G-Agri) ... Vai ajudar a gente a fazer carvão (G-Mad/Carv) ... Sobre o projeto, bem, a floresta deve ser usada para extrair carvão, não é? (G-Pisc) ... Não sei (sobre o ProManejo), só quero ganhar o suficiente para sustentar a minha família (G-Aut).*

As respostas subjetivas sobre o nível de entendimento do projeto e a possível aceitação dele giraram em torno de três esferas: a) a da afirmação, vinculada à garantia de auxílio técnico por parte da coordenação do ProManejo; b) a da neutralidade, na qual os assentados apóiam a iniciativa, mas não querem se inserir nela por entenderem a madeira como extrato difícil de trabalhar e obter renda; c) a da negatividade, de âmbito acrítico, a qual denota a incompreensão dos assentados no que tange às metas do ProManejo e às atividades de manejo comunitário pelo projeto desenvolvidas.

Os agricultores apresentaram frequência de 50% na subcategoria afirmação, ficando os índices negação e neutralidade em 40% e 10%, respectivamente. Madeireiros e carvoeiros tiveram 50% na subcategoria afirmação e 25% na negação, com igual percentual de respostas na subcategoria neutralidade, 25%. Piscicultores, na afirmação, tiveram 57,14%, e na neutralidade 28,57%, além de 14,28% de respostas enquadradas na



subcategoria negação. Os autônomos tiveram 25% na afirmação e 25% na neutralidade, com enquadramento de 50% na subcategoria negação.

### Conclusões

Dois anos de atividades do Promanejo no Assentamento Agrícola Tarumã Mirim tornaram o projeto popular. Os índices de conhecimento sobre atividades de manejo, técnicas de reflorestamento, corte de madeira e beneficiamento e conservação de recursos naturais foram considerados satisfatórios, a partir das experiências de disseminação do conhecimento.

Em se tratando de uma ação pioneira em uma região que ficou dez anos sem auxílio básico — a começar pelo fornecimento da energia elétrica via rede, o qual a população do assentamento só teve em meados de 2004, seguindo por problemas de saúde e educação —, foi positivo considerar que termos técnicos da engenharia florestal tiveram boa aceitação e, o mais importante, os assentados desenvolveram uma relação linguística de proximidade ante os jargões específicos.

Apesar de um cenário avesso à implantação do projeto, a relação da variável independente (ação do ProManejo) com a variável dependente (mudança de atitude frente ao tratamento com a madeira e aceitação do projeto no assentamento), especificada em  $H_1$ , foi percebida como positiva (COSBY, 2003, p. 203) e mostrou a relação entre a mudança de atitudes dos quatro grupos pesquisados (agricultores, carvoeiros e madeireiros, piscicultores e autônomos) frente a atuação do projeto durante 24 meses.

Todavia, ao contrário do que se poderia imaginar com base nos resultados, a relação de positividade com o ProManejo não pode ser compreendida como um objetivo fim. Ela, doutra forma, é um meio de apontar a necessidade de novos trabalhos de avaliação acerca das contingências técnicas e de desenvolvimento dos assentados no tocante ao manejo comunitário madeireiro. Pois se os resultados gerais indicaram que apenas um grupo minoritário (G-Aut) não logrou convergência de percepções com os três maiores conjuntos populacionais, acerca das intenções de ação do Promanejo, eles são justificados pela situação de igualdade entre grupos no contexto do fomento a políticas públicas. Ou seja, existe uma espécie de integração intergrupar na assimilação de ações voltadas ao ambiente rural.



Cabe também a ressalva de que, diante da relevância dos rurais na Amazônia, seria preciso que houvesse mais ações sociais para abarcar grupos alternativos, do tipo dos G-Aut. Eles não se adaptam a algumas políticas oferecidas pelo governo não por serem menos merecedores de atenção especializada, porém por guardarem anseios que, quiçá, não vêm sendo supridos mesmo por atividades programadas de forma planejada, tal qual o Promanejo.

### Referências

- Albuquerque, Francisco José; Vasconcelos, Tatiana Cristica & Coelho, Jorge Arthur Peçanha. (2004). *Análise psicossocial do assentamento e seu entorno*. Psicol. Reflex. Crit., vol.17, no.2, p.233-242. ISSN 0102-7972.
- Albuquerque, Francisco José et al. (2005). *Integração entre assentados agrários e comunidades vizinhas*. Psicol. estud., set./dez. 2005, vol.10, no.3, p.499-506. ISSN 1413-7372.
- Almeida, Mauro William Barbosa de. (2004). *Direitos à floresta e ambientalismo: seringueiros e suas lutas*. Rev. bras. Ci. Soc., São Paulo, v. 19, n. 55, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69092004000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092004000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26 Out 2006. doi: 10.1590/S0102-69092004000200003.
- Balsadi, Otavio Valentim. (2000). *Características do Emprego Rural no Estado de São Paulo nos Anos 90*. Dissertação de Mestrado. Campinas, IE/Unicamp.
- Balsadi, Otavio Valentim. (2001). *Mudanças no Meio Rural e Desafios para o Desenvolvimento Sustentável*. São Paulo Perspec., jan./mar. 2001, vol.15, nº.1, p.155-165. ISSN 0102-8839.
- Bardin, Laurence. (1977). *Análise de conteúdo*. Tradução de Luís Antero Reto e Augusto Pinheiro, São Paulo, Martins Fontes.
- Catão, Maria de Fátima; Rodrigues, Renan Albuquerque. (2006). *Estudo das Crenças Acerca do Pensamento Mítico na Amazônia: Os Rurais Ribeirinhos e Suas Interpretações Coletivas*. In: XV Conic (Congresso de Iniciação Científica) da Ufam, 2006, Manaus. Anais do XV Congresso de Iniciação Científica da Universidade Federal do Amazonas (Ufam). Manaus: Edua (Editora da Universidade Federal do Amazonas), v. 15°. p. 268-268.
- Cosby, Paul. (2003). *Métodos de pesquisa em ciências do comportamento*. São Paulo: Atlas.
- Drummond, José. (2002). *Natureza Rica, Povos pobres? - Questões Conceituais e Analíticas Sobre o Papel dos Recursos Naturais na Prosperidade Contemporânea*. Ambient. soc., jan./jun., nº.10, p.45-68. ISSN 1414-753X.



Fearnside, Philip. (1986). *Migração, colonização e meio ambiente: o potencial dos ecossistemas amazônicos*. Cad. Saúde Pública., Rio de Janeiro, v. 9, n. 4, 1993. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-311X1993000400005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X1993000400005&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 01, Nov, 2006. doi: 10.1590/S0102-311X1993000400005.

Fearnside, Philip. (1989). *Manejo florestal na Amazônia: Necessidade de novos critérios na avaliação de opções de desenvolvimento*. Pará Desenvolvimento, 25: 49-59.

Godelier, Maurice. (1984). *L'Idéal et le Matériel*. Paris: Fayard. 348 p.

Kitamura, Paulo Choji. (1994). *A Amazônia e o Desenvolvimento Sustentável*. Brasília, Embrapa.

Luckert, Martin & Campbell, Bruce. (2002). *Expanding Our Conceptual and Methodological Understanding of the Role of Trees and Forests in Rural Livelihoods*. In: Campbell, B.M. e Luckert, M.K. (ed.). *Undercovering the Hidden Harvest: Valuation Methods for Woodland and Forest Resources (People and plants conservation manuals)*. London: Earthscan Publications Ltd. p. 228-238

Medina, Gabriel (2004). *Ocupação Cabocla e Extrativismo Madeireiro no Alto Capim: Uma Estratégia de Reprodução Camponesa*. Acta Amaz., vol.34, no.2, p.309-318. ISSN 0044-5967.

Moran, Emilio & McCracken, Sthepen. (2004). *O ciclo de desenvolvimento de grupos domésticos e o desflorestamento da Amazônia*. Ambient. soc., Campinas, v. 7, n. 2 Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1414-53X2004000200003&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-53X2004000200003&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 26 Out 2006. doi: 10.1590/S1414-753X2004000200003.

Moura, José, Cesário, José Maria & Oliveira Filho, Raimundo. (2004). *Manejo Florestal Comunitário no Assentamento Agrícola Tarumã Mirim/AM*. Fundação de Apoio Institucional Muraki, EST/UEA, Plano de Ação. Manaus/ Amazonas, revisado em 2006.

Rodrigues, Renan Albuquerque. (2006) *Representações Sociais por Comunidades Rurais Amazônicas do Conceito de Ambientalismo ou Preservação Ambiental*. Somanlu Revista de Estudos Amazônicos, Ufam, v. 1, n°. jan/jun, p. 81-93.